



EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OS DESAFIOS PARA A INTEGRAÇÃO DOS HAITIANOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

Autor (1); Cícero Otávio de Lima Paiva (1); Marília Daniella Freitas Oliveira Leal (2);

*Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, cicero.otavio@hotmail.com; Universidade Federal de
Campina Grande – UFCG, mariliadaniellaufpb@yahoo.com.br*

RESUMO: O presente artigo apresenta como objetivo realizar uma análise dos desafios enfrentados pelos haitianos residentes no Brasil se integrarem ao Sistema Educacional Brasileiro, uma vez que desde o terremoto que aconteceu no Haiti no ano de 2010 tem sido grande o número de haitianos que tem migrado para o Brasil. Por ser um direito humano fundamental os haitianos tem o direito de acesso à educação onde quer que estejam vivendo. Como métodos utilizados tiveram-se o método de abordagem dedutivo, os métodos de procedimento foram o histórico e o comparativo. Como técnica de pesquisa o estudo baseou-se no manejo de documentação indireta especialmente a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Educação Básica; Migração; Sistema Educacional Haitiano; Desafios.

INTRODUÇÃO

O direito à educação é um direito universal e inerente a todo o ser humano. No entanto, a realidade mundial vem se mostrando contrária, em vários locais do mundo esse direito é negado e uma das principais justificativas é a inefetividade da gestão da educação em determinadas localidades. Investir em educação nem sempre é o melhor negócio para países subdesenvolvidos que têm a população ignorante como massa de manobra.

O estado brasileiro não fica isento dessa violação ao direito básico de acesso à educação. E um dos principais problemas recentes que o Brasil tem enfrentado é com relação à migração Haitiana a partir de 2010. O governo federal concedeu vistos humanitários aos haitianos que aqui querem viver, todavia, não deu condições de acolhida digna a essas pessoas. Muito embora a Constituição Federal assegure que todos os estrangeiros residentes no país têm os mesmos direitos e garantias que os brasileiros, na prática não é isso que acontece. Especificamente em relação ao direito à educação o que se observa é uma



burocracia generalizada que impede os cidadãos haitianos de terem acesso aos sistemas de educação brasileiros.

Partindo-se dessa realidade, o presente trabalho tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pelos imigrantes haitianos para se integrarem ao Sistema Educacional Brasileiro, bem como realizar uma análise do Sistema Educacional Haitiano, tendo como justificativa a migração haitiana que ocorreu para o Brasil devido ao terremoto de 2010.

METODOLOGIA

O método de abordagem utilizado foi o dedutivo partindo de premissas gerais e teóricas sobre a migração dos haitianos para o Brasil, sendo possível chegar a conclusões específicas acerca do direito à educação dos haitianos no território nacional. Também foi utilizado o método histórico fazendo uma análise da trajetória do Haiti, além do método comparativo, realizando uma comparação do sistema educacional haitiano e o brasileiro. Como técnica de pesquisa, utilizou-se a documentação indireta, essencialmente pautada na pesquisa bibliográfica, para se obter um maior embasamento teórico a respeito do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Haiti é um país localizado na América Central na região do Caribe, com aproximadamente de 10 milhões de habitantes, constitui um dos países mais populosos das Américas uma vez que a sua extensão é de 27.750 km², e como consequência sua densidade demográfica é de cerca de 350 pessoas por quilometro quadrado.

A migração de haitianos não é recente, no século XIX diversos fatores levaram os haitianos a saírem da sua terra, tendo como principais destinos os Estados Unidos e a República Dominicana, porém, nessa época o Haiti era um país que recebia muitos imigrantes, isso porque muitos escravos fugiam de todas as partes do mundo e buscavam refúgio em terras livre da escravidão, conforme explica Jacobson (2003, p. 7):

De 1804 a 1898, o Haiti foi um país receptor de imigrantes. No início do século XIX, os escravos fugitivos de outras colônias fizeram o seu caminho rumo ao Haiti. No final do século, cerca de 15 mil imigrantes do Oriente se estabeleceram em Haiti.



No entanto, como o século 20 trouxe a continuação da violência política e econômica, a emigração do Haiti aumentou.

Apesar de ser o “local de repouso” para muitos no Século XIX, haviam, conforme explanado em linhas pretéritas, ainda aqueles haitianos em pequenos grupos que deixavam o país por causa da violência que havia sido crescente, de acordo com Cotinguiba (2014, p. 82)

Ainda no século XIX, entretanto, há registro de muitos que foram para os Estados Unidos e fundaram vilarejos que posteriormente se tornaram importantes cidades daquele país. Esse fato denota que, enquanto o país se tornava um lugar de refúgio para muitos que buscavam gozar de liberdade, de lá também partiam pessoas, mesmo que em pequenos grupos, para outros lugares, dando início ao que podemos chamar de pioneirismo da emigração haitiana.

A imigração haitiana com o passar do tempo se intensifica, porém agora com outras motivações. Motivados por conflitos internos, embargos econômicos, intervenções, conflitos e crises sociais, especialmente um período ditatorial entre os anos de 1959 e 1986 parte da população deixa o Haiti rumo a países do Caribe, bem como América do Norte, desde então o fluxo de imigração haitiana tem sido uma constante, principalmente após a 2ª Guerra Mundial, tendo se expandido a imigração dos haitianos para os mais diversos destinos, tendo pela primeira vez o Brasil como destino dos haitianos

O Brasil foi um dos destinos escolhidos pelos haitianos, justificando-se a escolha pela visibilidade do país no exterior, a promessa de crescimento econômico, a facilidade de entrada e de obtenção de visto de permanência e a possível oferta de trabalho.

No ano de 2010, a cidade de Porto Príncipe, capital do Haiti, foi devastada por um terremoto de grande magnitude que teve como consequência a morte de mais de 200 mil pessoas e mais de um milhão de desabrigados. Não bastasse a catástrofe natural, as possibilidades de trabalho foram reduzidas substancialmente, dificultando o acesso à comida e produtos de higiene. Após tal fatalidade o então presidente Lula realizou uma visita ao Haiti, declarando apoio humanitário e disposição para prestar acolhimento aos cidadãos haitianos que desejassem migrar para o Brasil (SILVA, 2012).



Desde então iniciou-se um grande fluxo de migrantes haitianos para o Brasil, todavia, as dificuldades começam durante o processo migratório. De acordo Leal e Leite (2012, p. 54),

A primeira providência do governo brasileiro foi conceder cem vistos humanitários mensais para regularizar a situação desses deslocados. Todavia, foi equivocada esta atitude, uma vez que se criou uma cota de concessão além do normal, ou seja, uma ampliação de direito que o país não poderia suportar. A consequência foi que dezenas de haitianos, desesperadamente, candidataram-se ao visto, gerando uma certa instabilidade e receio do governo brasileiro em ter que voltar atrás com a medida.

Os haitianos recebem um visto por razões humanitárias, e aquele problema que parecia solucionado, na verdade é transformado em um novo desafio: a inclusão social.

Diante desse fato passou a existir uma necessidade por parte do Poder Público brasileiro da implementação de ações para acolher esses imigrantes, sendo a primeira e a mais famosa delas a concessão de vistos permanentes por razões humanitárias por meio da Resolução nº 97/2012 do Conselho Nacional de Imigração (CNIg). A concessão desses vistos implica em conceder diversos direitos aos haitianos para o Brasil imigraram, explicam Pacífico e Pinheiro (2013, p. 115):

Com a concessão do visto humanitário, os haitianos detêm basicamente os mesmos direitos dos brasileiros, como direito à saúde, à educação e autorização para trabalhar. Conforme a Resolução, não apenas quem solicitar o visto será beneficiado, mas também cônjuges e parentes, pois a unidade familiar, [...] é princípio-dever aplicado pelo Brasil aos imigrantes.

Para entender as dificuldades para a inserção dos haitianos na educação básica brasileira, faz-se necessário compreender como se dá a relação dos haitianos e a educação, antes e após o terremoto de 2010.

O Haiti é o país mais pobre da América Latina, e isso dentre outros fatores é um reflexo de sua educação já precária no país antes do terremoto. De acordo com Florvilus (2010, p. 1):

O país já estava em uma condição muito complicada, com uma taxa de analfabetismo de 60% e 500 mil crianças excluídas do sistema de ensino. As escolas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

privadas são 85%, apenas 15% são públicas e comunitárias. O sistema de educação tem como base a exclusão e a discriminação, principalmente contra mulheres e moradores do campo. É elitista, já que a maioria dos pais não pode assumir o custo da escolarização de seus filhos, e não tem relação com a realidade cultural e social haitiana.

A educação no Haiti era baseada na exclusão e discriminação, muitos haitianos não tinham acesso à escola, uma vez que era muito caro para grande parte das famílias, que vivem com menos de 1 dólar por dia, manter seus filhos numa escola, e os poucos que conseguem, passam por duras penas para oferecer educação aos seus filhos “E, em um país onde 85% da população vive abaixo da linha da pobreza, a taxa paga à escola pode ser a diferença entre comer ou não. O Estado, por sua vez, não contribui, não fiscaliza e sequer conhece a maioria dessas escolas.”(MARQUES, 2013, p. 8)

Após o terremoto a situação da educação no Haiti, que já não era muito boa, agrava-se ainda mais. Escolas inteiras foram destruídas, professores e alunos faleceram, a rede elétrica ficou comprometida e muitos estudantes, atualmente, vão durante o período noturno para perto de um poste de iluminação pública para poder estudar.

Atualmente no Haiti existem cinco tipos de escola, desses quatro são escolas privadas, e uma escola pública. É importante ressaltar que mesmo nas escolas públicas os haitianos pagam para poder estudar.

São esses os tipos de escolas particulares no Haiti, a) escolas *borlette* (de loteria) que tem uma estrutura muito precária, seja ela física ou de recursos humanos, e estão geralmente localizados na zona rural; b) escolas médias que são as escolas mais estruturadas da zona rural, são dirigidas por particulares que se preocupam com a educação de seus próprios filhos; c) escolas congregacionais, são escolas localizadas na zona urbana, frequentada pela classe popular urbana, com estrutura física e pedagógica mais estruturada; e d) escolas internacionais, localizadas apenas na zona urbana e em menor quantidade essas escolas são administradas por estrangeiros ou haitianos formados no exterior e o seu regime de ensino não tem nada a ver com o sistema educacional haitiano, pois se baseiam nos sistemas educacionais da França, Estados Unidos e Canadá, são “frequentadas sobretudo por filhos de funcionários



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

internacionais e da elite haitiana, prepara o jovem para continuar seus estudos superiores no exterior e, por isso, são bastante caras” (JOINT, 2008, p. 187).

As escolas públicas haitianas são chamadas Liceus que têm uma boa reputação e bons professores, mas são frequentadas pela classe mais baixa, e, em menor quantidade, por algumas pessoas pertencentes à classe média que não tem condições de pagar os altos preços das escolas privadas.

A educação haitiana apresenta algumas peculiaridades, a começar pela base do ensino que foi importado do Sistema Educacional Francês, uma vez que o Haiti foi durante muito tempo a colônia mais rica da França, de acordo com Marques (2012, p 104):

As bases do ensino haitiano foram importadas da França, quando da independência do Haiti, em 1804. Daí o fato de a língua oficial das escolas/universidades ter sido, durante a maior parte do tempo, o francês e não o *kréyol*, e do pressuposto de que as instituições de ensino deveriam concentrar-se nas cidades e formar uma elite separada das massas ou das classes populares.

É importante destacar que nos dias atuais o Sistema Educacional Francês passa por reformas, uma vez que tem sido reconhecida a decadência de sua qualidade em consequência da exclusão de grande parte dos jovens franceses por causa do paradoxo “Elitismo X Igualdade” presente nas escolas públicas da França (BRANDÃO, 2015). Diferentemente da França a sociedade haitiana, marcada pela desigualdade social é um reflexo que seu falido sistema educacional excludente, especialmente das classes sociais mais baixas.

A desigualdade na educação haitiana está presente desde o início da história do país, de acordo com Joint (2008, p. 183):

O sistema educacional haitiano é marcado pela separação das classes sociais. Desde o início do sistema, com os primeiros governantes haitianos, as poucas escolas nacionais existentes eram procuradas somente pelas classes abastadas. Por exemplo, o liceu era reservado aos cidadãos que supostamente tivessem prestado serviços ao Estado; assim, estava descartada de antemão uma escola pública para todos.

A ideia de educação apenas para poucas pessoas traz como consequência um ciclo vicioso de pobreza e marginalidade, uma vez que se não existe educação provavelmente não



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

haverá também capacitação para o mercado de trabalho, não havendo que se falar em desenvolvimento, conforme atesta Araújo (2011, p. 250)

Conhecimento aliado ao crescimento, operacionalizado através do trabalho gera o desenvolvimento, o que pode ser demonstrado da seguinte maneira: o crescimento gera oportunidade de trabalho que o pobre deve ter capacidade de apropriar pela educação de qualidade.

No atual estado em que se encontra o Haiti, a educação seria o mecanismo essencial para o desenvolvimento, porém os investimentos em educação no país ainda são mínimos não sendo suficientes para garantir o seu desenvolvimento socioeconômico.

Com o passar do tempo e mesmo com várias reformas a educação no Haiti não evoluiu muito, atualmente mesmo havendo um “acesso universal” a educação básica, não são todos os estudantes que têm condições de se manter estudando, isso por que sendo uma educação baseada na exclusão “os alunos fracos são gradativamente excluídos, e apenas os ‘mais fortes’ sobrevivem e chegam às últimas classes” (JOINT, 2008, p. 188).

Como medida de punir os “alunos fracos” que reprovam no final do ano são obrigados a pagar uma taxa devido a reprovação, taxa essa que aumenta a cada reprovação, essa taxa de valor exorbitante leva a muitos haitianos desistirem de estudar logo na primeira reprovação. Marques (2013, p. 9) explica que a justificativa dos haitianos para adotarem esse modelo de educação encontra-se no fato de selecionarem apenas aqueles alunos que valorizavam a educação, evitando assim a vagabundagem, nas palavras do autor:

Em minha viagem ao Haiti, ouvi muitas vezes a explicação de que o sistema havia sido criado para “evitar a vagabundagem entre os alunos” e manter na escola apenas os que a valorizavam. Entretanto, em minhas caminhadas e em conversas com a população local soube que na maioria das escolas o turno de estudos é integral e como não há energia elétrica, os alunos têm dificuldade para estudar à noite. Para enfrentar a falta de energia, era comum ver jovens amontoando-se em torno dos postes de luz em postos de gasolina de multinacionais e subindo aos telhados com os primeiros raios de sol para estudar. Eis aí as marcas de uma distinta intensidade do *tempo social* vivenciada pelos jovens haitianos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Vê-se, portanto, que preocupado em selecionar os “melhores alunos” o sistema educacional do Haiti não se importa com as dificuldades enfrentadas pelos alunos na questão da aprendizagem, tornando-se, assim, mais fácil e menos oneroso excluir o cidadão haitiano das escolas do que investir em seu potencial de estudo e melhorar suas condições de assimilação em sala de aula.

Na educação haitiana ainda há outra peculiaridade que demonstra a exclusão e a desigualdade, trata-se da segregação baseada em classes sociais dentro das escolas, por exemplo, em algumas escolas durante o turno matutino estudam somente aqueles que pertencem à classe média/alta e à tarde estudam somente os de classe baixa.

Assim percebe-se que o sistema educacional não propõe a integração dos estudantes, e conseqüentemente, não gera uma sociedade justa e igualitária. Atualmente o “sistema educacional haitiano permanece em sua totalidade, [...], em conformidade com o que tinha como base, quando de suas primeiras implantações; ou seja, concretiza o objetivo de formar as elites separadas das massas ou das classes populares pobres” (JOINT, 2008, p. 184).

É nítido que a educação haitiana necessita de uma reforma, ainda mais após a destruição do país em 2010, a educação de qualidade no país seria um meio de conseguir a sua reconstrução.

Conforme apresentado anteriormente após o terremoto que devastou o Haiti no ano de 2010 uma grande quantidade de haitianos tem se deslocado para o Brasil em busca de melhores condições de vida, estima-se que entre janeiro de 2010 e setembro de 2014, mais de 39 mil haitianos adentraram no território nacional (ACNUR BRASIL, 2014, p. 1).

Um dos direitos concedidos aos haitianos é o direito fundamental à educação, isso implica o acesso à educação básica ou ensino superior. A primeira barreira enfrentada pelos haitianos para terem acesso à educação no Brasil é a língua, uma vez que os haitianos que só sabem falar o crioulo (língua oficial do Haiti) e/ou o francês, e, em menor quantidade, o espanhol. De acordo com Barausse (2013, p. 1):

Uma das grandes barreiras é referente à língua. Um bom número fala espanhol (ouportunhol), mas a maioria fala o creolo e francês. Um número pequeno fala somente o creolo. Um número bastante reduzido fala inglês. Isto leva a eles estarem sempre



juntos, formando guetos. Existe um verdadeiro choque cultural, pois o Haiti é um pequeno país e eles ficam assustados com as dimensões do nosso. A maioria não tem noção das distâncias que existem no Brasil. A adaptação é um processo lento e demorado.

A dificuldade de adaptação quanto à língua constitui a primeira barreira, mas influencia de forma clara os demais aspectos para a integração deles no novo país de residência isso porque impede os imigrantes de se relacionarem com os brasileiros, fechando-se nos seus guetos os haitianos vão ficando a margem da sociedade, surgindo assim o preconceito quer seja ele em virtude da raça ou da religião.

O preconceito em razão da raça está relacionado ao fato daquilo que a grande mídia tem constantemente divulgado, para ela os haitianos são desorganizados, violentos, dependentes, caóticos e perigosos. Para Thomaz (2011, p. 276) essas características são atribuídas aos haitianos pelo fato de eles serem negros, nas palavras do autor:

A ignorância e o medo não fazem mais do que alimentar o que prevalece em grande medida na relação entre os estrangeiros e os haitianos, e que está para além da consciência e da sua bondade ou maldade: o racismo. Comportamentos, reações, limites e expectativas são associados a características inatas de haitianos e haitianas, cuja singularidade se expressa no corpo. Eles são assim, no limite, porque são negros.

É importante destacar que nas escolas brasileiras o racismo já se faz presente entre os próprios brasileiros, por meio de uma ideologia do branqueamento ou da inferioridade do negro, imagine em relação àqueles que são negros e naturais do país mais pobre das Américas.

Outro preconceito enfrentado pelos haitianos no Brasil se dá em relação à religião. Cotinguiba (2014, p. 71) aponta que tal discriminação está ligada ao fato de que no Haiti é comum a prática do vodu, criando assim o estereótipo de que todos os haitianos são adeptos dessa prática e a fazem em relação a todos,

No Brasil, os haitianos são, em geral, vistos como voduístas maléficos que —espetam bonecos de pano para matar alguém a distância, conforme a imagem veiculada por produções cinematográficas, como no filme *Live and let die* (Viva e deixe morrer), do herói britânico 007. O estigma, também, pode se manifestar de



Ao saírem do Haiti os imigrantes deixam a sua vida em busca de melhores condições no Brasil, no aspecto educação, eles deixam uma educação excludente e elitista e ao chegarem em território brasileiro se deparam também com um sistema educacional que também os exclui, não em virtude de sua classe social, mas em virtude de suas crenças religiosas, de sua cor e de sua raça.

Além do problema da exclusão eles têm que enfrentar a barreira da língua que os impedem de receberem uma educação básica de qualidade e de se inserirem na sociedade.

A educação é um direito humano fundamental e constitucionalmente previsto pelo ordenamento jurídico brasileiro e quem não tem acesso à educação, não tem capacidade para exercer os seus direitos o que conseqüentemente prejudica a sua inclusão social na sociedade moderna.

Mais que um direito universal a educação é um mecanismo de transformação social, sem investimentos na educação no Haiti o país não poderá ser reconstruído, e sem o acesso à educação no Brasil os migrantes não serão capazes de reconstruírem as suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR BRASIL. **Refúgio no Brasil: Uma Análise Estatística** (Janeiro de 2010 a Outubro de 2014). Brasília, 2014.

ARAÚJO, Jailton Macena de. Desenvolvimento Sociolaboral: Programas de geração de renda com meio de combate à pobreza e promoção do desenvolvimento. In: CECATTO, Maria Áurea Baroni; MISAILIDIS, MirtaLerena; LEAL, Mônica Clarissa Hannig; MEZZARROBA, Orides. (Orgs.). **Cidadania, Direitos Sociais e Políticas Públicas**. São Paulo: Conceito Editorial, 2011, p. 243-262.

BARAUSSE, Paulo Tadeu. Sofridas histórias de migração. A vida dos haitianos no Brasil: Entrevista. [13 de janeiro, 2013]. São Leopoldo: **Instituto HumanitasUnisinos**. Entrevista concedida ao Instituto HumanitasUnisinos. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/516902-sofridas-historias-de-migracao-a-vida-dos-haitianos-no-brasil-entrevista-especial-com-paulo-tadeu-barausse>>. Acesso em: 15 jun. 2015

BRANDÃO, Adriana. **Reforma visando ensino público menos elitista divide a França**. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/abnt.htm#5.16.4>>. Acesso em: 18 jul. 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil** – a relação entre trabalho e processos migratórios. 2014. 154 fl. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais) – Fundação Universidade de Rondônia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.

FLORVILUS, P. Educação no Haiti continua excludente, privada e não tem previsão de mudança: Entrevista. [26 de maio, 2010]. São Paulo: **Portal Aprendiz**. Entrevista concedida ao Portal Aprendiz. Disponível em:
<<http://portal.aprendiz.uol.com.br/content/broshupust.mmp>>. Acesso em 01 fev. 2015.

FRAZÃO, Helena. **Pesquisa mostra que intolerância religiosa ainda está presente em escolas brasileiras**. 2011. Disponível em:
<<http://educacao.uol.com.br/noticias/2010/09/10/pesquisa-mostra-que-intolerancia-religiosa-ainda-esta-presente-em-escolas-brasileiras.htm>>. Acesso em 20 jul. 2015.

JACOBSON, Erik. **An Introduction to Haitian Culture for Rehabilitation Service Providers**. Center for International Rehabilitation Research Information and Exchange (CIRRIE), University of New York, Buffalo, NY, 2003.

JOINT, Louis Auguste. Sistema Educacional e desigualdades sociais no Haiti: o caso das escolas católicas. **Pró-Posições**. São Paulo V.19, n.2, p. 181-191, maio/ago, 2008.

LEAL, Marília Daniella Freitas Oliveira; LEITE, Alexandre César Cunha. A Política Externa brasileira e a questão dos deslocados ambientais: breves reflexões sobre a (des) proteção dos haitianos no Brasil. **Revista de Estudos Internacionais**, João Pessoa, Vol. 3 (2), p. 47-58, 2012.

MARQUES, Pâmela Marconatto. **De pobreza, resistência e esperança: educação, juventudes e lutas contra-hegemônicas no Haiti**. Buenos Aires: CLACSO, 2013.

_____. Outras Estórias Haitianas: educação, resistência e esperança no mais desconhecido dos países latino-americanos. **REBELA**, Florianópolis, v. 2, n. 1, jun. p. 99-112, 2012.

PACÍFICO, Andrea Pacheco; PINHEIRO, Thaís Kerly Ferreira. O *status* do imigrante haitiano no Brasil após o terremoto de 2010 sob a perspectiva do Pós-Estruturalismo. **Revista Perspectivas do Desenvolvimento**, Brasília-DF, v. 1, nº 1, p. 107-125, 2013.

SILVA, Sidney Antonio da. Aqui começa o Brasil. Haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus. In. ____ (Org). **Migrações na Pan-Amazônia**: fluxos, fronteiras e processos socioculturais. Manaus: Fapeam, 2012.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

THOMAZ, O. R. Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti.
Cadernos de Campo, São Paulo, n. 20, p. 273-284, 2011.